
Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por LMartins - 06/06/06 08:06

Esta árvore discute o conteúdo do artigo: Qualidade e Equidade em Educação

Há uns anos, numa reunião de pais do 5º ano, perante a recorrente ausência dos pais/educadores dos alunos com baixo rendimento escolar e mal comportados e com o objectivo de os trazer à Escola, até para que as reuniões de pais deixassem de ser um desfiar de queixas do Director de Turma sobre os alunos não representados e pudessemos passar a outros assuntos de interesse geral, entre os quais o aproveitamento geral dos n/ próprios filhos, muito aquém das nossas (minhas e dos dias de hoje) expectativas, apesar das boas notas, sugeri que tentássemos trazer alunos e família à Escola, por exemplo, aos sábados, com actividades culturais, lúdicas, de confraternização, para que esses pais se habituassem a ir à Escola não apenas para ouvir queixarem-se dos filhos e se relacionassem com os outros, criando uma "bolsa de vizinhança/vivência comunitária". O Conselho Directivo informou-nos de que tal não era possível por falta de recursos humanos para promover a limpeza, etc.. Que nós próprios a faríamos, retorquimos; que não era possível. Nessa mesma semana, a minha filha trouxe um convite para os pais assistirem no sábado próximo à tarde, a um evento do interesse da evolução dos alunos, evento esse que oferecia à criança que conseguisse convencer ambos os pais, um jogo electrónico; à mãe, uns brincos e ao pai uma caneta... Ora esse evento tratava apenas da promoção de um conjunto de livros de inglês... Claro que reclamei, que a minha filha não servia de caixa de correio de campanhas publicitárias, ainda por cima de baixo nível. Na altura, a professora (de português) que entregou os convites justificou-se que nem sequer tinha lido o convite, que apenas tinha obedecido a um pedido do Conselho Directivo e ficou muito zangada comigo, que tinha muito anos de ensino e por aí adiante... Pois é, como dinamizar a relação Escola/Família?

Nota: Será possível aumentar a letra do corpo do texto, para facilitar a intervenção de quem já não vê muito bem? Obrigada.

=====

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por luisladeira - 06/06/06 15:06

O meu depoimento tem por base uma suspeita.

Bem, estou consciente de que uma suspeita não é matéria suficiente para tirar conclusões seguras. Por isso, as minhas conclusões devem ser tomadas como provisórias. Então qual o interesse disso? Porventura nenhum, porém em minha defesa declaro que essa minha suspeita tem um contorno experiencial. Pois bem, sou professor do ensino secundário e tenho mais de trinta anos de serviço.

É dessa experiência que tiro a minha suspeita de que o sistema educativo português falha sobretudo no terceiro ciclo. Ora, ora, a velha pecha do alijar de responsabilidades! Responsabilizar um ciclo em que não lecciono e que directamente antecede aquele em que lecciono (sou professor de Filosofia, disciplina que só é leccionada no secundário) é fácil e assemelha-se a um sacudir de água do capote. Mas para afastar a ideia de que essa seja a minha intenção, vou fazer um esforço de clarificar o meu ponto de vista.

Verifico, com frequência que alguns alunos com quem trabalho, no décimo ano de escolaridade, recém aprovados no terceiro ciclo, apresentam graves deficiências comportamentais no que concerne a hábitos de trabalho. Verifico que ficam à espera de que a solução seja dada pelo professor; que, em trabalhos de grupo, se limitam a fazer cópias dos textos da bibliografia justapondo-os, sem a noção de que isso não se conforma a trabalho de grupo nem tão pouco a trabalho original; e alguns até não distinguem o espaço de aula do espaço de convívio. Em suma, um grupo considerável dos alunos que frequentam o décimo ano não tem ainda adquiridos, ao fim de nove anos de escolaridade obrigatória, correctos hábitos de trabalho e de participação na aula.

E não me refiro a esporádicas atitudes de descompressão ou até uma que outra atitude impertinente que a idade potencia; trata-se de algo mais estrutural que impede a aquisição de conhecimentos e o amadurecimento, em tempo útil, que permita acompanhar com sucesso a dificuldade dos programas do secundário. Neste particular, e no respeitante à Filosofia, por exemplo, as divergentes atitudes revelam a diferença de aproveitamento. Como estes alunos têm habitualmente 15 anos, e às vezes até 14, quando iniciam o 10º Ano, o grau de abstracção de certos conceitos cria-lhes algumas dificuldades. Porém, os alunos que têm hábitos de trabalho bem adquiridos progredem a ponto de recuperarem ao longo do ano. Os outros não. Escudam-se na dificuldade e desistem imediatamente.

Mas que tem isto que ver com o terceiro ciclo? E como é que uma intervenção a este nível pode alterar este estado de coisas, que não sendo geral, é suficientemente alargado para pedir intervenção?

Aqui especulo um pouco, e a solução que proponho gostaria de a ver discutida, mas porventura experimentada em ambiente restrito.

Os alunos atravessam o terceiro ciclo entre os 12/13 e os 14/15 anos, idade de transformações profundas a nível psico-somático. Nesta altura, no nosso sistema educativo, estes alunos já estão a frequentar disciplinas independentes geridas por diferentes professores. Ou seja, não obstante haver um Director de Turma que coordena a Turma como grupo, ficam os alunos em boa medida entregues a si mesmos. Respondem a cada professor em separado. O cômputo da situação far-se-á em momentos distanciados de avaliação. Mas não serão eles ainda muito novos, e

sobretudo, atendendo à situação de mudança de crescimento, demasiado desamparados para que assumam assim a responsabilidade de se auto-orientarem? Ligo isto sobretudo àqueles alunos cujos encarregados de educação, por razões várias, não os acompanham no quotidiano escolar. Não seria desejável alterar esta situação?

Pois bem, é no pressuposto de que valeria a pena intervir neste ponto que proponho uma solução, que afinal nada tem de original. Trata-se apenas de prolongar a gestão grupal das matérias disciplinares no terceiro ciclo, reduzindo assim o número dos professores de cada turma deste ciclo e aproximando-os mais dos alunos.

Eu sei que uma proposta destas tem vários inconvenientes porque, entre outras alterações, mexe com a orgânica das habilitações e formação da docência. Por isso, para além de a ver discutida, creio que teria interesse saber se há por essa Europa fora alguma experiência deste tipo. E, caso se julgue de interesse avançar para ela, que nunca se a aplique sem que antes seja testada em restrito ambiente experimental. É que já anda toda a gente farta de «inovações» na escola. Sobretudo porque os investimentos duplicam, as reformas sucedem-se e os resultados mantêm-se com um nível de insucesso elevado. Fecho por ora esta minha contribuição para o debate em curso.

O que me faz intervir é o desapontamento. Já atravessei várias reformas e ilusões. De tal modo que até receio fazer propostas. E, no entanto, algo tem que mudar, se for para melhor. Mas já não alimento grandes ilusões. Esta escola é a escola deste país, cada vez mais incapaz de sair da cauda da Europa. Porém resignar-se a esta fatalidade é desistir de lutar.

Voltarei!

Luís Ladeira,

professor da Escola Secundária Braamcamp Freire, Pontinha

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por LMartins - 07/06/06 15:06

Caro Professor Ladeira,

Permita-me que assine a sua reflexão, quase na sua totalidade. De facto e logo no 2º ciclo, há uma mudança drástica: as crianças vêm das mãos de apenas uma docente que, muitas vezes, acompanha os pais na construção da redoma à sua volta. A par das mutações físicas e psicológicas próprias da idade, têm que adaptar-se a diversas personalidades, quer dos vários professores, quer dos alunos também eles em diferentes graus de desenvolvimento, sem que haja elementos agregadores desse repentina, dolorosa e não rara e fragilmente exposta dispersão (o Director de Turma, que muitas vezes é também novato na escola, não é figura de referência bastante).

Por outro lado, há uma falência quase completa na aprendizagem da organização individual do trabalho e da interacção grupal: os trabalhos feitos pelos pais, os trabalhos de grupo feitos sempre pelos mesmos, os trabalhos de “copy” and “Paste” (se ao menos lessem o que entregam...) caídos da internet, passam incólumes e geram boas notas. Quantos alunos sabem fazer uma pesquisa? Quantos alunos sabem consultar um dicionário, elaborar uma carta, endereçar um envelope? Quantas escolas trabalham a interdisciplinidade?

Digo que assino quase na totalidade, porque não estou certa se prolongar a gestão grupal das matérias disciplinares aos 2º e 3º ciclos será melhor caminho que o inverso – multidisciplinar o 1º ciclo... Em tempos pensei muito no assunto, a ele voltarei pelo seu desafio aqui.

O que me parece deveras premente é direccionar a educação/ensino para grandes objectivos gerais e específicos; nos gerais, incluir as necessidades individuais e colectivas, estabelecer metas catalizadoras da transformação; nos específicos, atender à especificidade de cada local, de cada cultura loco-regional e entender a comunidade também ela como agente educativo, interagindo com ela. O modelo, que ainda muito grassa nas n/ escolas, da transmissão de conteúdos, numa oralidade de cima para baixo (que depois exige aferição de conhecimentos por escrito), não motiva ninguém, não vai dar a lugar nenhum com ideal preso numa estrela.

No meu tempo de “pequenina”, ainda no tempo do fascismo, estudava por gosto (tive óptimos professores e 2 outros excelentes, ambos irmãos – Pires - um a Matemática e outro a Português, que até elaborou uma gramática poética para nós fixarmos as regras) nem me lembrava que isso me iria ajudar profissionalmente, nem me preocupava com o emprego; agora, eles estudam o que não gostam, de formas que detestam e sabem que não vai servir para nada, que já nem os bons conseguem emprego. Depois, também acabamos com o ensino profissionalizante (sim, que o IEF não serve para quase nada, diga-se!) e que boas escolas tínhamos...

É assim, 30 anos de Abril desejado, amado ainda antes de nascer, como um filho, e ainda andamos nisto... País incapaz de sair da cauda da Europa...

Que aqui, pequeninos, ainda consigamos pintar o mundo! Volte, sim!

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por Luís Ladeira - 21/06/06 22:06

Pois é! É possível que também se possa colocar a questão desse modo, L. Martins. Por que não multidisciplinar o 1º ciclo? Nunca examinei o problema desse prisma. Em todo o caso, aquilo que eu proponho é mensurável. Isto é, é possível ser montado um observatório da evolução dos alunos a partir do primeiro ciclo e verificar se há ou não uma certa desorientação, sobretudo a partir do terceiro ciclo, precisamente naqueles alunos que não têm rectaguarda. Ou seja, aqueles cujos pais, pelas mais diversas razões, não os acompanham. A minha hipótese assenta no facto de chegarem ao décimo ano alunos com atitudes completamente diferentes. Aqueles que têm métodos de trabalho e não confundem a sala de aula com a sala de convívio e os outros, que não tendo essa disciplina de trabalho, não só desistem à primeira dificuldade, como ainda, e por via disso, se tornam um estorvo para a aprendizagem dos restantes. Bem, mas quem sabe se esse «despiste» não advirá duma sobreprotecção no primeiro ciclo? Bem, é uma hipótese de trabalho. Parece-me, no entanto, mais fácil fazer a observação a partir da situação existente e caso a hipótese não seja consistente, inverter então a análise.

Crise da Escola?

Afixado por José de Araújo Ribeiro - 05/07/06 13:07

Crise da escola ou crise da educação ?

O estado da educação/escola em Portugal não é primariamente o resultado, como alguns querem fazer crer, da imposição (?), no nosso sistema, nas últimas décadas, de determinadas ideologias pedagógicas. Resulta sim do aglomerar de contradições e de orientações de sinal contrário que descaracterizam e aprisionam a escola no seio de problemas -chave que fazem com que a educação não saia do marasmo em que se encontra e seja o campo de batalha de todas as opiniões.

Primeira questão: como conciliar a aprovação generalizada (ou não “retenção”) com qualidade e exigência? É que é cada vez maior o número de alunos que muitas vezes afirmam não quererem aprender, estarem na escola porque são obrigados, que aquilo não lhes interessa para nada, etc. e em relação aos quais os professores tentam por todos os meios ensinar alguma coisa. Enquanto isto, os outros alunos, a excepção, os melhores, os que não dão problemas, os bem-educados, os que querem aprender e para os quais a escola faz sentido vão perdendo hábitos de trabalho, de rigor, de disciplina qualidades que, mais tarde, por exemplo, no ensino superior, serão acusados de não possuírem...

Creio que este problema – conciliação entre progressão para todos e qualidade de ensino - se poderá resolver com a criação de turmas de nível, em que os alunos não transitam todos para o mesmo nível de aprendizagem mas para níveis diferenciados em relação à progressão nos estudos. Por exemplo, um nível permitirá a progressão para os estudos superiores, outro, para cursos técnico-profissionais e outro, ainda, para os cursos profissionais. Evidentemente que estes níveis não seriam estanques entre si, permitindo em determinadas condições, a respectiva transição. Haverá outras maneiras?

Segunda questão estruturante: em nome da inclusão, em nome da escola para todos tudo começou a ser permitido: as normas deixaram de ser cumpridas, os regulamentos não são aplicados pois não são permitidas sanções que impliquem retenção do aluno, ou a exclusão da escola, mesmo quando esta sente que não tem condições para lidar com os problemas criados por uma minoria ínfima de alunos que estão lá para tudo menos para se “deixarem” educar. É o laxismo: Permite-se tudo aos alunos. Os professores sentem-se impotentes. A escola transforma-se num local em que tudo pode acontecer e nada é sancionado: Um professor é ameaçado fisicamente, mas no dia seguinte tem o aluno na sua aula para lhe repetir a ameaça. Deste modo vai-se minando a autoridade do professor... resta um pequeno problema: todos sabemos que sem autoridade não há educação.

Ainda em nome da inclusão, da escola para todos, a escola começou a diminuir o seu grau de exigência em relação aos saberes.

E Agora a questão: se a escola não faz com que os alunos interiorizem normas, não exige saberes, qual é a sua função? Toda a gente tem noção deste problema mas consciente ou inconscientemente não o quer equacionar: os pais que têm disponibilidade financeira e que querem uma boa educação para os seus filhos, que desejam que eles se constituam cidadãos autónomos, conscientes, livres e críticos põem-nos no Ensino Particular - lugar onde existem normas, onde se ensina e se aprende. Veja-se que o nível de qualidade entre o ensino público e o privado aumenta a cada ano que passa.

A quem aproveita esta situação? Não estamos em nome da inclusão a aumentar o número dos excluídos? Não estamos a reforçar as diferenças de origem em nome da igualdade de oportunidades?

Enquanto não se tiver a coragem de repor a autoridade do professor, de dizer aos alunos e pais dos alunos que há normas de boa educação que têm de ser respeitadas sob pena de penalização, que os alunos não podem passar, por exemplo para o segundo ciclo, se não tiverem interiorizado o respeito pela autoridade (Pais, professores, empregados, etc.), capacidade de ouvir e executar uma ordem, teremos muito do esforço dos professores desaproveitado, teremos

ainda no 12º ano professores a queixarem-se que gastam muita da sua energia, que deveria ser gasta em ensinar, a mantê-los em ordem para poderem ensinar alguma coisa.

Curioso que os professores do Ensino Superior que tradicionalmente estavam imunes a este problema venham agora estranhar a atitude com que os seus alunos se apresentam nas aulas: a de quem vai à espera de ser entretido.

Finalmente há que responsabilizar os pais pela educação dos seus filhos. Não são eles os primeiros responsáveis pela educação no dizer da Constituição da República? Mas como? Há medidas que se poderiam tomar e que, quanto a mim, teriam consequências extraordinariamente positivas.

A primeira consistiria em dar-lhes liberdade de escolher a escola para o seu filho e acabar com a hipocrisia reinante de declarações falsas de residência, cunhas, etc.

A segunda, de um outro nível, condicionaria a atribuição do abono de família a uma declaração da escola em que esta atestaria que o aluno em questão é assíduo e bem comportado.

Finalmente, proíba-se (na constituição ou na lei de bases) que se intervenha no Sistema Educativo sem previamente se fazer avaliação daquilo que se quer mudar. É necessário que todos os intervenientes (alunos, pais e professores) sintam alguma estabilidade e coerência no sistema para que o possam respeitar.

Re:Crise da Escola?

Afixado por jarib - 10/07/06 09:07

No artigo não está referenciado o autor - José de Araújo Ribeiro.

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por LMartins - 05/08/06 05:08

E, quem sabe, a criação de um sistema misto?

Os pais rabalhando em "part-time" para terem mais disponibilidade para educar os seus filhos - "O Direito/Dever de Educar compete aos Pais (nº5 Art.36º da CRP) – é um direito/dever inalienável com a única excepção prevista no nº6 do mesmo artigo que é o caso dos progenitores não cumprirem com os seus deveres fundamentais podendo os filhos, mediante decisão judicial, ser subtraídos à sua tutela.", posted by Francisco Cunha - e os professores, do Ministério da Educação, també em "part-time", desenvolveriam profissões paralelas, a fim de entenderem melhor outros mundos do trabalho, certamente com ganhos para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Quem sabe, um grande desafio à Qualidade, Equidade em Educação e à Cidadania... e ao desemprego dos professores a substituir os pais nos seus locais de emprego ...

Lembrei-me disso a propósito da situação que se repete todos os finais de ano: os professores, aflitos, alguns mesmos atrapalhados, a proceder com os pais à realização das matrículas. A "fazer trabalho de administrativo", no seu dizer. Lembrei-me que genericamente o trabalho administrativo é muito muito depreciado/pouco valorizado no nosso país e o de professor, nalguns casos, também. Talvez que acabar com a profissão única nos valorizasse a todos e, sobretudo, beneficiasse o público-alvo principal - as crianças e jovens, o futuro do País...

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por coisitasadizer - 06/08/06 10:08

Serões em família ou o vazio da comunicação

Sou professora há alguns...muitos anos...tendo iniciado a minha carreira aos 18, em 1973, ainda menina e a estudar ao mesmo tempo...e isto tudo para dizer que experiência não me falta nesta profissão que abracei por vocação. Como docente de Língua Portuguesa verifiquei que a base do sucesso dos meus alunos ocorreu, numa primeira fase, quando os alunos entendiam o que ouviam ou liam não esquecendo também o quão importante fenómeno de aprendizagem acontecia em situações de empatia comunicativa...e aí...desculpem-me o tom coloquial... surge-me a pergunta: os nossos alunos comunicam realmente?

À noite, em casa, discute-se a qualidade de um livro? ... uma teoria recém divulgada?.. a veracidade de uma notícia? ...a beleza de uma obra de arte? ...a justeza de um conflito?...?

Este problema caiu em mim como um relâmpago, principalmente durante este ano lectivo que acabou agora, por ter verificado, durante as ditas aulas de substituição, que os alunos não percebiam,por exemplo, Matemática por não entenderem Português... e verifica-se também que se o docente "perder" uns minutos a comunicar com os alunos ganha certamente aulas muito mais interessantes e a qualidade das aprendizagens aumenta substancialmente...

Mas reafirmo que os "serões em família" são a coluna dorsal para a aquisição, interesse e qualidade das aprendizagens... Os governos devem propiciar condições aos pais para que eles possam cumprir essa sua competência...Aos alunos não pode ser deixado apenas o direito de absorver pacificamente a informação que lhes vem de televisões de péssima qualidade cultural, da internet (falo como professora de TIC), de meia dúzia de professores por dia ...Há que criar dúvidas, incertezas, desafios ...para obter muitas e melhores respostas para os nossos alunos... Sem querer ser radical ousou perguntar "Vou adquirir estes ou aqueles conhecimentos para os dar a quem, para os trocar com quem...!?" É que, afinal, a nossa vida é feita de trocas...e a comunicação é um incentivo à aprendizagem e, sem dúvida alguma ...o nosso primeiro rosto social!

Paula Gomes

=====

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por sequeira - 11/12/06 23:12

2.1 - Que saberes e que competências serão fundamentais a todo o cidadão do sec.XXI?

Parece-me que ao cidadão actual rodeado pela rápida evolução técnica e nela plenamente envolvido, quer queira, quer não, haverá que dar-lhe um arcaboço cultural, psicológico, físico e artístico muito sério e sólido. Ajudá-lo a ser cada vez mais capaz de participar na globalização da democracia para bem do ser humano e protecção das condições de vida futura na terra parece-me hoje mais que básico. Continuar a ingressar em Engenharia com 8 e 9 a Matemática e ou Física é um erro crasso que haveremos de pagar caro parecendo-me absolutamente incorrecto e dum paternalismo patético! Por outro lado, continuar a exigir-se 19 para o ingresso em medicina enquanto em Espanha os candidatos são aceites com 14 também acho errado, até porque esses depois vêm para cá preencher vagas não preenchidas. Permitir que os alunos passem na 4ª classe, digo, 4º ano sem saberem bem a tabuada e mesmo passem no 9º sem a saberem sendo incapazes de fazer contas certas sem utilizarem a calculadora julgo ser uma falha grave dum ensino demasiado tolerante e inconsequente. Que passem vários anos do ciclo nunca acabando a álgebra e nunca podendo, portanto, dar a matéria de geometria é outra falha grave que há dezenas de anos quando tive de acompanhar o meu filho, hoje com 32 anos, me frustrou imenso e nunca pude perdoar ao sistema de ensino pós 25 de Abril. Como se pode dar Desenho rigoroso nos primeiros anos se os alunos não têm noções básicas de geometria? O Desenho livre deve ser muito estimulado, mas no meu entender o recurso à cor utilizando os diversos materiais para o efeito tem que ser levado muito a sério desde cedo. A nutrição e a culinária básica nos seus aspectos mais importantes para a saúde não podem faltar. Antes de terminar o 12º ano todos devem ter tido uma disciplina de puericultura e primeiros socorros. No meu entender a educação sexual deve começar no 1º ano e prolongar-se até ao 12º ano tornando-se anos após ano cada vez mais uma disciplina levada muito a sério sendo possível chumbar-se e ter que repetir a disciplina. Nos trabalhos manuais parece-me que pequenos trabalhos de costura devem ser incluídos. A ginástica educativa deve começar por prevalecer ao desporto prolongando-se a partir de dada altura então para um ou mais desportos para os quais os alunos hajam demonstrado reais competências em vez de os por desde cedo e quase antes de mais nada a jogar futebol. A Religião e moral deveria dar lugar ao estudo sério e comparativo das mais importantes religiões do mundo com a explanação e compreensão das suas semelhanças e diferenças. Havendo alunos suficientes e previamente inscritos então ao mesmo tempo poderia haver várias disciplinas de religião: catolicismo, islamismo, budismo protestantismo, cristianismo ortodoxo, etc. Muito fanatismo actual e incompreensão acabariam aí. Hoje quando os meninos fazem testes, têm apenas três ou quatro folhas do livro para estudar e andam nesta palhaçada o ano todo! Desde há anos (dezenas, sei lá) que se te mēdo de massacrar a memórias das crianças! Frustrava-me imenso que o meu filho, hoje com 32 anos, não fosse obrigado a fazer ditados no 4º ano. No entanto, tendo embora uma inteligência manual e artística excepcional pouco a pôde desenvolver porque não lhe era dada real oportunidade! As disciplinas científicas, Física, Matemática, Geometria, Ciências Naturais devem ter muito laboratório ao mesmo tempo sério e lúdico se é que não de todo impossível essa coexistência! No meu entender, a memória deve ser muito estimulada, o cálculo sem calculadores para fomentar e desenvolver o exercício mental! O exercício físico sobretudo na infância deve ser feito de preferência ao ar livre. As regras simples de civismo e de trânsito nas ruas devem começar na primária. A navegação na Internet e a capacidade de escolha do que interessa terá que, como na vida quotidiana, ser ensinada, treinada e sobretudo compreendida. Acho ainda que as noções básicas de economia familiar devem estar presentes até um dado momento a partir do qual se evoluirá para uma economia mais geral e financeira para que o aluno do 12º já seja capaz de saber por as suas economias a render, saiba o que são débitos e créditos e comece a perceber que o ordenado mínimo nacional quase lhe não dá para comer decentemente. Portanto nesta economia geral necessário se tornará incluir no mínimo um ano de contabilidade que não chegue apenas só à conta caixa! Acrescentaria que a não ser alunos de certas médias para cima todos os outros seriam obrigatoriamente encaminhados para cursos técnico-profissionais logo a partir do 7º ano e ou no mínimo a partir do 9º. A título breve a escolaridade obrigatória deve estar no 12º ano. O pleno domínio da Língua e Cultura portuguesas é fundamental bem assim como um razoável domínio de pelo menos duas línguas estrangeiras. Finalmente uma disciplina de Saúde Pública ou o tema integrado noutras ajudaria a combater o tabagismo e a evitar as drogas, não só pelo conhecimento teórico, mas sobretudo pela demonstração na vida prática e de todos os dias apreciando os doentes nos hospitais, questionando-os em colóquios, olhando e falando com doentes de sida em estado avançado. Para terminar mesmo, direi que a sociedade rasca e à rasca de hoje que teve o topete e a

cegueira de se queixar da juventude rasca a deu origem, deve meter a mão na consciência, reagir enquanto é tempo e endurecer a educação e treino dos homens e mulheres do amanhã para bem deles e nosso descanso!

=====

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por sequeira - 12/12/06 17:12

2.2 - Como fazer os alunos aprenderem mais e melhor?

Como pai com 61 anos e frequência do ensino superior que acompanhou o filho até ao 9º ano e assistiu à inépcia do ensino terei possivelmente muitas queixas e quiçá poucas soluções. Mas também fui aluno até ao 7º ano antigo após o qual havia o ingresso na faculdade com exame às nucleares se se não tivesse dispensado. Assim, tenho a experiência dum ensino pateticamente tolerante e incompleto e tive a experiência dum ensino deveras exigente e trabalhoso. Se, depois de conhecer os dois me pedissem para escolher entre os dois um ensino para o meu filho, não tenho dúvida em dizer que escolheria sem mais delongas o ensino a que fui sujeito. Por aqui se pode desde já concluir que sem muito trabalho, sem muito exercício de memória, com calculadora na mão por tudo e por nada, com os programas todos os anos por acabar, com pouca leitura, com erros ortográficos e capacidade de redacção sofrível ou má, sem espírito de sacrifício, sem auto-disciplina, sem resistência ao esforço, não pode haver sucesso!

Depois há professores e professores. Há os que sem perderem o respeito dos seus alunos e a exigênhcia são capazes de estimular e transmitir o gosto pela disciplina motivando o trabalho e a colaboraçãodos seus alunos. Sempre ouvi dizer que o bom professor não essencial e necessáriamente aquele que sabe muito, uma sumidade, mas aquele que sabe ensinar! Depois, a meu ver é fundamental que na mesma disciplina o aluno não ande a conhecer um professor diferente todos os anos. O mesmo se deve passar com o compêndio de estude para que se torne familiar ao aluno. Julgo que o gosto pelas ciências, fisico-química, matemática, ciencias naturais será tanto maior quanto maior for o trabalho laboratorial e ou em contacto com a natureza através da observação, manipulação. Em pleno campo o aluno talvez se aperceba melhor da necessidade do cálculo, da orientação, dos fenómenos químicos, da necessecidade do estudo dos animais e plantas, etc. Para além disso temos hoje um recurso que aqui Há poucos anos não havia, a Internet.

No meu entender os alunos deveriam ter exame no 4º ano versando toda a matéria supostamente aprendida. No 7º ano deveriam ter de novo exames versando toda a matéria at' r aí assimilado em especial, isto é, essencialmente a do 6 e 7º anos. No 9º ano os exames versariam sobre as matérias das, mas utilizando evidentemente bases anteriormente apreendidas. O mesmo deveria acontecer no 11º ano e ou 12º! E é evidente que todos os anos os testes teriam cada vez mais matéria à medida que o ano lectivo avançava! Este exercício de preparação para os testes e exames finais durante uma vida escolar dariam aos alunos um arcaboço, uma capacidade de trabalho, uma capacidade de memorização, disciplina, resistência ao esforço, poder mental e psicológico, domínio e segurança em si próprios que depois o ingresso na faculdade e o seu progresso seriam mera consequência! Ingressar na faculdade e sobretudo sair de lá, não constituiria como acontece hoje para muitos que, não obstante mal preparados, lá chegam uma tarefa árdua, quantas vezes difícilíssima de superar!

Uma maior proximidade entre aluno e professor deveria ser desejável dentro do devido respeito. A proximidade entre professores e pais deve também ser estimulada sem que se queira fazer dos pais explicadores dos filhos! A necessidade de recurso a explicações não deveria ser um lugar comum como vem sendo num aluno regular! Entendo também que toda a escola a partir do 4º ano deveria ter apoio psicológico e assistente social. Entretanto as cantinas teriam que ser orientadas por nutricionistas banindo-se do dia a dia toda a porcaria que hoje é mais vulgar ver-se à venda provocando maus hábitos alimentares, má nutrição e obesidade! Terminaria que urge criar o gosto pelo trabalho, pelo esforço face ao exito esperado em vez de gente incapaz de resistir ao esforço, à luta por uma nota muito melhor do que aquela que apenas é suficiente para passar! O treino e o gosto para atingir mais e melhor, cria-se, estimula-se, acarinha-se desde a primária e premeia-se com frequência! Mas também sem professores com o real gosto e vocação por sê-lo, com são os mercenários do ensino, não iremos nunca muito longe! Está em causa o sistema e não só os eternos piões das nicas, os alunos, as crianças! Urge também que o professor se assuma como educador por inerência e tenha a capacidade de sê-lo! Todos sabemos que para muitos alunos os seus professores podem ser os exemplos mais positivos e visíveis que têm na sua vida! Quantos de nós não recorda com saudade, respeito e carinho professores que às vezes até eram exigentes e nem eram generosos nas notas? Hoje eu recordo o meu professor de português desde o 1º ano até ao 5º, o Sr. Dr. Noronha! Conseguiu que eu acabasse por gostar de tentar dividir as orações n'Os Lusíadas e encantava-me com a mitologia que lhe era inerente!

=====

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por sequeira - 12/12/06 23:12

2.3 - Como nos poderemos assegurar que as aprendizagens básicas são conseguidas?

No meu entender antes de mais será preciso definir com precisão quais os saberes básicos a assimilar! Depois disso é preciso saber transmiti-los tornando-os o mais apelativos possível e fazer compreender de formas diversas a necessidade vital para assimilá-los. Os exercícios na escola, a resolução de problemas, o treino da leitura e da interpretação do texto lido, as redacções sobre os temas mais variados, os ditados para atingir objectivos de escrita sem erros ortográficos, a repetição de palavras incorrectamente escritas para memória futura serão, como sempre foram ou deveriam ter sido formas de consolidação das aprendizagens, memorização e treino. Até ao 4º ano, por exemplo, o aluno do terceiro para o 4º ano deve ter cada vez mais desenvoltura e rapidez em fazer contas, ler sem ser aos solavancos e escrever com alguma velocidade sem erros. Em anos mais avançados os testes mensais e trimestrais serão outros meios de avaliação! A avaliação contínua feita pelo próprio professor no dia a dia do aluno também é uma forma importante, mas no meu entender sem testes e sem exames finais a avaliação nunca será completa. Acho até que a conjugação duma ou mais notas de avaliação contínua com as notas dos exames será uma forma mais justa e quiçá mais acertada porque o aluno pode ter um bloqueio mental no exame provocado pela natural ansiedade! Muitas disciplinas permitem a resolução de problemas através da aplicação dos conhecimentos. Enfim haverá certamente um manancial de formas criativas de avaliar a consolidação de conhecimentos que nos permita ter uma percepção muito aproximada e precisa da real aprendizagem obtida pelos alunos.

Item editado por: ercilia faria, em: 13/12/06 12:12

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por sequeira - 13/12/06 21:12

2.4 - Como vamos prevenir os abandonos escolares precoces envolvendo escolas e comunidades locais?

Quero crer que aqui o serviço tem muito mais a ver com Assistência Social, protecção à família através de habitação decente e sustentabilidade económica mínima. Nas famílias onde houver desemprego de um ou mais membros esteios do sustento, onde houver consumo de drogas e ou alcoolismo as crianças não poderão ter meio minimamente propício ao sucesso escolar! Julgo ser, pois, muito importante, não só o apoio à família, mas sobretudo à criança na escola fornecendo-lhe alimentação saudável, roupas, e, claro, livros e material escolar gratuito. A escola tem de demonstrar aos pais fracos e pobres e às respectivas crianças que não é o inimigo, mas o suporte que de outra maneira não teriam e que a permanência e a assistência da criança na escola é factor sine qua non para que o apoio se mantenha! Julgo que não será difícil criar em cada escola, sobretudo em meios urbanos, movimentos de solidariedade para com os menos favorecidos. Há muita gente que roupas a mais aos seus filhos de tal forma que dar uma camisola, umas calças, uma saia, umas meias e ou peúgas, uma capa, um casaco, etc, até lhes cria mais espaço lá em casa para novas coisas! Repare-se que hoje em certos centros paroquiais já há lojas de roupas usadas! E se são lojas essas roupas são cuidadas e tratadas para poder ser vendidas a preços uns mais simbólicos do que outros. Há pessoas cujos sistemas de assistência médica lhes permite ter muitos medicamentos dentro da validade que não usam. Se alguém na escola pudesse encarregar-se dessa recolha e depois com a ajuda de algum técnico os pudesse distribuir aos pobres talvez se pudesse resolver muitas constipações e ou até gripes! Se na escola não houver enfermeira haveria que conseguir que lá fosse uma com alguma regularidade e ou no mínimo nas alturas de necessidade. Quem sabe se de entre os próprios pais dos alunos não poderia haver um movimento de voluntariado só para isso? Np Natal e Páscoa seriam alturas próprias para as escolas fazerem os seus pedidos para poderem ajudar os seus próprios alunos. Nas cidades maiores acho que tem de haver serviço social dentro da escola e psicólogos competentes para prevenir e ou detectar os problemas das crianças no seu início. Alunos com fome e maus tratos familiares detectar-se-iam com alguma facilidade se houver técnicos prontos para ajudar. A timidez exagerada e ou a agressividade incontida serão situações a pesquisar. Contudo, o trabalho contra o insucesso e o abandono escolar precoce tem que ser feito concertadamente por várias instituições competentes para o efeito envolvendo evidentemente os poderes públicos locais. Mas também é verdade que o serviço social e o psicólogo têm de estar acessíveis a pais e alunos. É preciso duma vez por todas que a sociedade entenda que a educação dos filhos dessa mesma sociedade não é feita só pelos professores e ou só pelos pais! Tem de ser feitas por um conjunto de instituições em colaboração directa ou indirecta com pais, professores e escola. Tem que ser uma tarefa de todos, porque todos lucrarão que não haja fruta podre num cesto de muita fruta madura! Entendo também que um médico deve consultar as crianças nas escolas obrigatoriamente uma vez de três em três meses e ou sempre que assistente social e até o professor entendam que tal deve ser feito. Acho que assim se pode prevenir com algum sucesso o insucesso e o abandono precoce da escola. No meu entender a melhor política será prevenir e deve começar logo no início do ano escolar. Quando fui chamado para o serviço militar fui examinado dos pés à cabeça, isto já antes do 25 de Abril, e para que não ficasse doente por dá cá aquela palha davam-nos uma vacina cavalgar que funcionava mesmo! Portanto, parece-me que uma das técnicas devidamente adequada às circunstâncias já não será propriamente uma novidade, pode é custar dinheiro à sociedade que não quer no seu meio escolar alunos a abandonar a escola! É evidente que isso tem de custar dinheiro. Por último para meios escolares mais rurais a norma será: quando a escola não tem os meios, terão de ser os meios a deslocar-se à escola!

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por sequeira - 14/12/06 23:12

2.5 - Como contribuir para o exito escolar e educativo de população culturalmente muito diferente tornando essas diferenças um factor de enriquecimento cultural para todos e para a própria escola?

Ora bem, esta pergunta começa a ser quase recorrente já que no 1º ponto, Educação e Cidadania, foi feita de forma diferente e mais curta! A sugestão que me ocorre dar, porém, não andará longe da que já dei da 1ª vez. Julgo que o 1º passo passará por uma mais fácil e rápida legalização dos estrangeiros no país e que essa legalização seja facilitada e apoiada por todos quantos estão em contacto com os estrangeiros, em especial, pelos empregadores. Depois virá a integração dos estrangeiros nas comunidades locais que devem ser ensinadas, não só a aceitá-los e integrá-los, como também a perceber que os estrangeiros, por muito que isso nos custe engolir, vêm rejuvenescer a sociedade portuguesa deveras envelhecida e contribuir com o seu trabalho e impostos para o progresso do país. Quanto aos filhos dos estrangeiros que nascem cá ou que vêm juntamente com os pais devem também ser acarinhados nas escolas que vão frequentar. Pela mesma razão que os pais são os que criam e não necessariamente os que procriam, pátria passará a ser aquela que nos dá o pão, a criação e onde a vida nos corre e é mais favorável!

Resumindo:- A legalização e integração rápida dos estrangeiros nas comunidades locais são os passos básicos, a meu ver. É claro que o ensino da língua portuguesa para estrangeiros será outro passo paralelo em que os poderes públicos locais se têm de envolver com alma e coração! Entretanto há que se fazer todo um esfrço de mentalização junto das populações através de todos os meios de comunicação, inclusive nas missas, envolvendo o apoio dos poderes públicos, exaltando a riqueza do pluralismo de culturas e raças e até das vantagens que há na mistura com sangues vindos doutras paragens longínquas. Nao será difícil demonstrar nas escolas e não s´o que o povo português já de si é uma mescla de raças e sangues como prova a nossa história! Na escola as crianças, dependendo também muito da capacidade dos professores, devem também ir-se apercebendo que afinal não é na cor da pele, na cor e ou formato dos olhos, nem na altura, que residem as diferenças entre as pessoas, mas sim num intelecto formado noutras paragens e com outras culturas, mas que isso não constitui nenhuma ameaça, bem pelo contrário! Os professores podem e devem falar das sociedades representadas pelos alunos nas escolas comparando-as com a nossa. Nessas sociedades haverá também personalidades históricas, guerreiros, escritores, cientistas, ginastas, músicos, pintores, bailarinos, jogadores, etc. Entre os pais de alunos estrangeiros que aqui têm de sujeitar a trabalhar na construção civil, restauração, etc, há pessoas com cursos superiores que aqui nada valem, assim como os nossos cursos superiores nada valem nos países deles! Quem sabe se chamando essas pessoas para fazerem umas palestras sobre a sua vida e cultura e sobre a sua necessidade de, não obstante, precisarem de vir para cá para melhorarem de vida não conseguirão ser mais apreciados e compreendidos por alunos e pais. Em dias de festas escolares os pais dos alunos poderiam ser chamados a participar e animar a festas ficando os seus filhos como espectadores: uns tocariam instrumentos dos seus países, ou cantariam ou dançariam, outros fariam teatro, outros contariam histórias e ou até circo. Acho que naturais e estrangeiros colaborarem com os seus saberes e boa vontade para melhorarem as sociedades em que vivem haverá certamente mais solidariedade e empatia e um reconhecimento mútuo dos valores de cada um. Tudo isto será muito lindo de dizer até porque entre nós próprios, sobretudo nas cidades somos muito individualistas. E isto será bom que seja posto em causa, porque se se torna necessário integrar e bem receber os estrangeiros, porque não começar a olhar para os nossos vizinhos do prédio mais como possíveis amigos e menos como as pessoas que só encontramos esporadicamente num elevador quando vamos numa corrida para o emprego o que quase nem nos dá tempo de lhes dizer bom dia!

=====